



# VOZ DA FÁTIMA

Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o Inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.

(Palavras de Nossa Senhora na Aparição de Agosto)

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos  
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cônego Maia — Telef. 22336  
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXVII — N.º 443  
13 de AGOSTO de 1959

Avença

## O Senhor Presidente da República visita o Santuário da Fátima

Embora de maneira absolutamente inesperada e na maior intimidade, visitou o Santuário da Fátima Sua Excelência o Senhor Contra-Almirante Américo Tomás, Venerando Chefe da Nação, com sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa.

A visita realizou-se na tarde do passado dia 28 de Julho, após as solenidades do almoço oferecido a Sua Majestade o Imperador da Etiópia no castelo de Leiria. Acompanhavam Suas Excelências o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, e os Senhores Governador Civil e Presidente da Câmara Municipal de Leiria.

Chegados à Fátima, demoraram-se cerca de um quarto de hora em oração na Capela das Aparições e em seguida visitaram a Basílica e o Hospital reconstruído, interessando-se profundamente pela vida do Santuário.

Compareceram a receber os ilustres Visitantes os sacerdotes que trabalham no Santuário e algumas outras pessoas que lograram ainda tomar conhecimento da visita. Embora inesperada e íntima, a visita de tão ilustres e venerandos Peregrinos fica gravada nos fastos do Santuário como uma das mais honrosas e mais queridas.

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Leiria acompanhou sempre os ilustres Visitantes e manifestou o seu profundo reconhecimento pela honra concedida ao Santuário e pela prova de amor e devoção a Nossa Senhora, a Augusta Padroeira da Nação Portuguesa.

## A VERDADE, A UNIDADE E A PAZ

Intitulada, segundo as suas palavras iniciais, «Ad Petri Cathedram», publicou o Sumo Pontífice, na festa dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, do corrente ano, a sua primeira Carta Encíclica dirigida aos Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos, clero e fiéis do orbe católico. Não nos permite a exiguidade das nossas páginas reproduzir o texto integral, mas apenas a condensação dos parágrafos mais importantes.

No Prólogo da Encíclica exprime Sua Santidade a esperança nos frutos do próximo Sínodo Romano e Concílio Ecuménico, da actualização do Direito Canónico e da promulgação do novo Código para a Igreja Oriental.

**1 — A VERDADE.** A fonte de todos os males que afectam os indivíduos, os povos e as nações está na ignorância ou no desprezo da verdade. A nossa razão pode atingir as verdades naturais, mas para as que ultrapassam a capacidade natural da razão, temos de recorrer à luz sobrenatural da Fé. A verdade do Evangelho conduz à vida eterna.

**O INDIFERENTISMO RELIGIOSO.** Leva necessariamente à ruína de todas as religiões, especialmente da católica, como disse Leão XIII na sua Encíclica «Humanum Genus». Perfilhar a afirmação de que «todas as religiões valem o mesmo», é equiparar o erro à verdade, é atribuir a Deus a aprovação de um absurdo, como se Lhe fosse indiferente o bem ou o mal.

**2 — CONCÓRDIA E PAZ ENTRE AS NAÇÕES.** É necessário que todos, tanto os indivíduos como os que têm na mão a sorte dos povos, amem sinceramente a verdade. A consequência será a união dos espíritos, dos propósitos e das acções, a prosperidade pública e particular.

Deus criou os homens irmãos. As nações não são mais que comunidades de homens que devem tender fraternalmente para o fim próprio de cada uma e para o bem comum de toda a família humana. Já existem demasiados cemitérios de mortos nas guerras. Se rebentar nova guerra, tão destruidora é a acção das armas monstruosas dos nossos tempos que o resultado será uma devastadora e universal ruína, tanto para os vencidos como para os vencedores. Que os chefes e dirigentes das nações se não poupem a esforços e a meios de congruar espíritos e povos.

**UNIÃO E CONCÓRDIA ENTRE AS CLASSES SOCIAIS.** A natural diversidade das classes sociais não deve ser agravada pelas ambições e lutas de classes cuja cooperação é indispensável. Não pode subsistir o capital sem o trabalho, nem o trabalho sem o capital. Cada classe pode defender os seus direitos legitimamente; nunca pela violência. Graças à difusão da doutrina social da Igreja, notam-se alguns sinais de apaziguamento na luta de classes. Mas há ainda demasiadas divergências e motivos de atrito que é forçoso ir sanando. Importa curar a chaga do desemprego e associar os operários ao lucro das empresas.

A concórdia nas famílias, a exemplo do lar de Nazaré, impõe-se a todo o custo. Sem o cumprimento dos deveres sagrados que estão na base da família, é impossível a restauração da sociedade.

**3 — UNIDADE DA IGREJA.** A Igreja foi fundada por Jesus Cristo em solidíssima unidade. Se esta unidade falta às outras comunidades cristãs, não falta à Igreja Católica, como pode verificar quem a estudar diligentemente: unidade de doutrina, de governo e de culto.

Por vontade do seu Divino Fundador, todas as ovelhas se devem reunir no único redil da Igreja e sob um só Pastor. Todos os filhos são assim chamados à casa paterna, sobre o fundamento de Pedro, para um dia no Céu gozarem a eterna bem-aventurança. É consolador o movimento que se nota nas comunidades separadas, em direcção à unidade. O bom êxito do convite aos nossos Irmãos separados e os do futuro Concílio Ecuménico depende principalmente das orações de todos.

**4 — EXORTAÇÕES PATERNAIS.** São dirigidas aos Bispos, ao clero, aos religiosos, aos missionários, às religiosas, à Acção Católica e a todos os colaboradores no apostolado, aos aflitos e atribulados, aos pobres, aos refugiados e emigrantes, à Igreja perseguida.

Concluindo, uma exortação geral para que se evitem os erros funestos capazes de destruir a sociedade humana, para que se renove profundamente o teor de vida cristã pela prática das obras de misericórdia e pela aspiração à verdadeira perfeição evangélica.

## Senhora do Santíssimo Sacramento

pele Senhor Arcebispo de Évora

**V**AI-SE universalizando a invocação de «Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento». Há quem sinta certo escrúpulo em empregá-la. No entanto, ela é perfeitamente legítima. Basta pensar nos laços de Nossa Senhora com a Sagrada Eucaristia.

Lembraremos que a jaculatória tão espalhada em Portugal «Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia — fruto do ventre sagrado da Virgem puríssima Santa Maria» não é de grande rigor teológico, na sua segunda parte. Sabemos de certo teólogo estrangeiro que tinha mesmo repugnância em recitá-la, por lhe atribuir sabor menos ortodoxo. Pode explicar-se, sem se lhe dar tal significação, porque no Santíssimo Sacramento está verdadeira, real e substancialmente o Senhor Jesus Cristo que nasceu do ventre sagrado da Virgem puríssima Santa Maria. Mas é evidente que não foi o Sacramento, como Sacramento, que teve aquela origem.

Todavia, sem se recorrer a tal princípio, são ainda muitas as razões que nos dão o direito de chamar à Virgem Santíssima Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento. Efectivamente, nenhuma outra criatura teve uma tão intensa vida eucarística.

A Eucaristia é sacrifício, e Nossa Senhora assistia à Santa Missa com os sentimentos de devoção e de reconhecimento com que assistiu ao Pontifical do Calvário: Cristo, seu Filho, revestido da púrpura do sangue, celebrando solenemente na ara da cruz, como propiciação, e expiação e acção de graças. No sangue do grande sacrifício se consumou a redenção do mundo.

A Eucaristia é Sacramento, que se visita com amor e com amor se recebe. Compraz-se a nossa alma em pensar na união de Maria e de Jesus. Unidos na encarnação, uni-

dos continuaram sempre. A visita a seu Filho, no Sacramento do seu amor, era longa e profunda. As horas passavam-se nesses doces transportes de fervor, que lhe recordavam as horas longas de Nazaré, quando suas almas pareciam fundir-se numa só alma.

Contudo, a Eucaristia é principalmente para ser recebida. No sermão aos Cafarnaítas, que se afastaram escandalizados e porventura horrorizados, o Senhor Jesus não se cansou de afirmar que verdadeiramente o seu corpo é comida e o seu sangue bebida. E apesar daquele escândalo, não retirou sequer uma das suas palavras, que veio depois a repetir, com solenidade e força transubstanciadora, na instituição da Eucaristia.

Tinha Nossa Senhora conhecimento exacto destas grandes verdades, e por isso comungava com frequência e com devoção inigualável. Como já se escreveu, a Comunhão era o acto central da sua vida, e todas as horas lhe pareciam poucas para prepará-la e dar acção de graças.

Luz e força, a vida da Senhora, pela união com a sagrada Eucaristia. Assim, de certo modo, continuava o mistério da Encarnação.

Na ronda dos séculos, sempre a Senhora, missionária de seu Filho, promoveu a vida eucarística daqueles que sinceramente a amam e veneram. Podemos até dizer que não há profunda vida eucarística, quando não é fervorosa a devoção à Santíssima Virgem, verdadeiramente Senhora do Santíssimo Sacramento.

Baixamos do plano da Senhora ao nosso plano. Também nós comungamos, mas como comungamos? Se a nossa vida não é de luz e não se reveste de força superior, é que não sabemos comungar, com fé, com confiança, com amor.





